

Deponente: Soin Pataxó

Entrevistador: Paulo Afonso Moreira, Húliana Ventura, Marco Túlio Gomes e Paulo Repolês.

Data: 09 de março de 2017

SOIN PATAXÓ: E hoje, como eu já falei, a gente é baiano, né?

ENTREVISTADOR: Sim.

SOIN PATAXÓ: Então uma coisa que o governo, ele não é uma pessoa que... Não ficou, não olha o lado do índio, entendeu? Eles tão esquecendo o lado do índio e largando pra trás. Então eles não sabem o que aconteceu atrás pros índios...

ENTREVISTADOR: Aham.

SOIN PATAXÓ: Entendeu? Isso é uma coisa que a gente sempre alega e a gente quer esse futuro pra frente, é valorizar o índio. Então eles tão esquecendo dos índios, né?

ENTREVISTADOR: Uhum.

SOIN PATAXÓ: Entra governo, sai governo... Presidente, Presidente mais Presidente, mas eles não tão observando o que já foi acontecido com os índios atrás, entendeu? E nem aqui da frente, né? Tem o governo que dá um apoio o índio, pouca coisa e pouco pra trás tá esquecendo, né? Então isso, uma coisa que foi acontecendo e tá acontecendo, que hoje eu vejo que o governo não tá olhando o lado do índio, o lado do índio tá esquecido e nós queremos que vê se ele dá mais assim, um apoio o índio, sabe? Por causa que a valorização dos índios atrás já não tem mais, ninguém mais lembra do índio a centos ano atrás, né?

ENTREVISTADOR: Sim.

SOIN PATAXÓ: Aí já foi tudo esquecido, ninguém sabe mais de nada, então são coisa que eles só tão levando a coisa a sério daqui pra frente, né? Mas não sabe o que foi acontecido pra trás, o que foi falado, foi maltratado o índio, que foi maltratada a saúde indígena, né? Foi passado, não tão olhando pra esse

lado. Então as coisas que foi e tá indo, que não tá dando andamento do índio é isso aí, sabe como, né?

ENTREVISTADOR: Sim.

SOIN PATAXÓ: Então nós queremos o quê? Porque nós estamos aqui em Minas Gerais hoje, né? Nós somos baianos, mas estamos aqui. Quando chegemos aqui, aqui não era aldeia. Aqui era uma fazenda dum português...

ENTREVISTADOR: Hum...

SOIN PATAXÓ: Só tinha ele e a mulher, né? Aí o português morreu e ficou essa fazenda pra mulher dele, a mulher dele como não sabia nem tocar o que era serviço, abandonou a fazenda. A fazenda ficou, pra o quê? Pro Estado, mas quando o Estado tomou conta, botou as polícias pra não... Né? Pra outras pessoa não invadir. E ficou esse trem lá sozinho por conta do Estado.

ENTREVISTADOR: Sim.

SOIN PATAXÓ: Aí o Estado foi e tomou conta, né? Aí como nós chegemos aqui não tinha terra pra morar, aí nós chego e entremos pra dentro e ele deixou nós ficar aqui dentro no local, né? Mas como assim? Era tipo um, era uma adota... Adotadora dos Povos Indígenas de Minas Gerais.

ENTREVISTADOR: Sim.

SOIN PATAXÓ: Esse lugar aqui, sabe? Então aqui já passou Xacriabá, Maxakali, Botocudos que é os Krenak e os Guarani de Espírito Santo. O último foi nós, Pataxó, né?

ENTREVISTADOR: Sim.

SOIN PATAXÓ: Então aqui era tipo assim, um fugitivo de índio. Esse apoiava os índios aqui, sabe? Aí foi saindo e não foram gostando do lugar, foi saindo, e foi saindo, foi saindo e ficou aí. No final ficou nós, Pataxó. Então aí nós corremos atrás do governo de Minas Gerais que era o Tancredo Neves, Tancredo Neves na época, né?

ENTREVISTADOR: Quem?

SOIN PATAXÓ: Tancredo Neves, na época. Aí nós fomos em cima dele, conversando com ele, com a FUNAI e tal, aí foi ele liberou pros índios. Então hoje é uma reserva indígena, não é mais fazenda, né?

ENTREVISTADOR: Uhum.

SOIN PATAXÓ: Aí ele tirou as polícias, aí o Estado foi... O governo liberou pro o Estado e a FUNAI liberou a reserva aqui, né?

ENTREVISTADOR: Aham.

SOIN PATAXÓ: Hoje nós estamos com ela toda demarcada, como nós demarcamos ela, e com a FUNAI. Hoje, mas é nossa hoje, né? Nós tem o documento dela todinho também lá na FUNAI também, que isso é muito importante. Então nós estamos aí, igual que a gente não tinha antigamente o lugar assim certo pra morar. Nós tinha, mas só que o governo hoje, igual antigamente tomava tudo, né? Ele tomava, aí mandava os índios sair por causa que não era do índio mesmo, e eles dizia que eles que era o dono do lugar e por aí ficou, né? Como a gente hoje, a gente é o dono do lugar, eles falam que a gente não é o dono do lugar, então a gente tem que sair, né?

ENTREVISTADOR: É.

SOIN PATAXÓ: Aí já põe a polícia pra bater no índio, vai massacrando o índio, aí vai daí pra frente. E uma coisa que a gente nunca se “adutorou”, esse momento que eles faz ainda com a gente, entendeu? E a gente não pode esquecer desses momento.

ENTREVISTADOR: Sim.

SOIN PATAXÓ: Os que já foi passado com a gente, né?

ENTREVISTADOR: Sim.

SOIN PATAXÓ: Que foi a... Então antigamente eles queriam fazer os índios de escravo.

ENTREVISTADOR: Uhum.

SOIN PATAXÓ: Né? Isso eles não olharam, porque o primeiro habitante é o índio. Aí os índios tá lá, então eles falou assim: “Não, os índios vai ser escravo, vai ser escravizado”. Mas aí os índios pra não ser escravizado saiu correndo, e não queria, né? Aí saiu matando o índio, prendendo o índio, que o índio não queria ser escravizado. E é o verdadeiro dono do lugar, da terra, né? E aí eles pegou os índios e começaram a escravizar e os índios não gostaram e desapareceram. Aí no dizer, os negros, pegou o negro, né? E foi botaram o

negro pra ser escravizado como todo mundo ficou sabendo e é verdade, é uma história certa, né? E são coisas que ele não podia ter feito isso, né? E todo mundo é um ser humano, não é isso? Então botasse pra trabalhar, mas não fazer a escravização igual eles fizeram, né? E nós, índio, coitado, pra não morrer foi obrigado a sair do lugar, né? Então igual aconteceu com nós na Bahia lá em 51, nós viemos pra cá, por causa de que? Que o que eles fizeram com nós, índio? Eles é... pegaram os índios, as índias, estuprava as índinhas de 9 anos, 10 anos, sabe?

ENTREVISTADOR: Sim.

SOIN PATAXÓ: Matava, botaram cangalha no índio pra carregar porco, botaram... Metia o chicote, o índio tinha que ir de quatro pé carregando até 7 quilômetros. Tudo aconteceu, então isso tudo foi escravização com o índio, né? E nós ficamos naquela situação difícil, como é que nosso povo vai viver. Aí nós ficamos lá naquela situação de ser, de poder sair, sem saber pra onde ia.

ENTREVISTADOR: Uhum.

SOIN PATAXÓ: E aí como o pai dele é o cacique, ele era o mais velho, né? Aí ele falou assim: "Gente, vamos sair daqui que não tem como nós ficar aqui". Aí o governo largou nós numa situação difícil num pedacinho de terra com mais de 20 mil índios. E aí o que aconteceu? Aí não tinha lugar nem da gente botar roça mais, aí ele falou assim: "Vão embora, sair". Saímos quatro famílias lá da aldeia lá da Bahia.

ENTREVISTADOR: De qual aldeia?

SOIN PATAXÓ: É Barra Velha.

ENTREVISTADOR: Barra Velha, aham.

SOIN PATAXÓ: Então os nossos parentes agora estão tudo lá, mas eu sou um sofredor de lá.

ENTREVISTADOR: Sim.

SOIN PATAXÓ: Nós como saímos pra não ser machucado e escravizado, igual eles tão lá hoje, mas foi o acontecido. Então nós estamos aqui em Minas Gerais, vou fazer já 39 anos que eu já tô aqui já, né? Eu agradeço muito o Minas Gerais que são... Que apoiou nós aqui, né? E nós estamos aí. Então são

coisas que a gente pensar e olhar, pra frente e pra trás, a gente tem uma tristeza na vida, né? O que eles fizeram com a gente, o nosso... Com a gente não, com os nossos velhos, né? Porque comigo eu já nasci agora, pouco tempo pra cá e foi os velhos que eles fizeram isso, entendeu? O meu avó mais a minha avó correu pra não ser morto. Aonde eles viam um índio, fala... Se um índio passar, eles falam assim: "Ô...", aí os fazendeiros falam assim: "Não, passou uns índios aqui correndo". Aí eles corriam atrás pra matar os índios. Inclusive, nessa época de 51, eu tenho uns parentes aqui em Belo Horizonte, eles moram ali naquela... Naquele bairro do Taquaril.

ENTREVISTADOR: Taquaril?

SOIN PATAXÓ: Uhum. Eles saiu dessa redondeza de Rio de Janeiro, de Espírito Santo, passou no Rio de Janeiro, São Paulo e desceu, veio parar aqui em BH, estão aí. Então são coisas que... Ele só saiu ele e a mulher dele pra não morrer, não tinha filhos, não tinha nada. Aí quando ele chegou pra aqui, depois de lá pra cá, que ele foi... Aí ele juntou, ficou só num lugar só, que ele falou assim: "Vou me esconder pra não morrer". Aí eles foram construindo os filhos dele, né? Foi casando, né? Hoje só um bairro é quase a metade dos filhos dele e neto, entendeu? Pra não morrer, aí ficou nessa situação, aí veio morar mais nós aqui. Chamei pra morar aqui, ele veio, mas não acostumou mais, entendeu? Tudo tem um problema.

ENTREVISTADOR: Sim.

SOIN PATAXÓ: Entendeu? Tudo tem um problema. Aí diz ele que não costumava mais morar na aldeia. Ele pegou aquele trauma, sabe? Do que aconteceu com ele e ia acontecer de novo, aí disse: "Eu vou ficar lá mesmo". Né? Vou ficar lá, e tá lá, não quer mais optar ser índio, né? Que já acostumou da cidade, os problemas da cidade todinha, os movimentos, e já não apta mais na aldeia como índio. Ele tá lá, é índio, mas só que dentro da aldeia ele não opta mais assim, igual aquele costume que ele tinha.

ENTREVISTADOR: Sim.

SOIN PATAXÓ: E aí daí pra frente ele faz dessa forma, e não vê mesmo, os netos são índio mesmo.

ENTREVISTADOR: Sim.

SOIN PATAXÓ: O velho e a velha são índios, mas optar mais dentro da aldeia, não opta mais, que não pode... Ele não tem mais aquele prazer de viver igual ele vivia antigamente, né? E aí tá lá, agora nós tão aqui se mantendo, né? Lutando pelo nosso direito. Que sempre o governo tá... Dá o direito pra nós, tá cortando o nosso direito, né? São coisas que ele não pode fazer isso e tá fazendo. E a gente tá aí ainda de empurrando a barriga devagarzinho pra frente e vamos lutar, né?

ENTREVISTADOR: Sim.

SOIN PATAXÓ: Que a gente tem que lutar, que se não lutar não tem jeito, né?

ENTREVISTADOR: Isso.

SOIN PATAXÓ: E aí é dessa forma assim ainda pra frente.

ENTREVISTADOR: Senhor Soin, como é que o senhor chegou aqui? Conta um pouquinho desse momento quando o senhor veio aqui pra Minas Gerais, como é que estavam as coisas?

SOIN PATAXÓ: As coisas, quando eu cheguei pra aqui, é igual eu contei logo no início.

ENTREVISTADOR: Uhum..

SOIN PATAXÓ: Aqui era uma fazenda, não tinha atendimento de nada. Os índios chegaram assim, tipo assim, os índios presos, aqui é uma ditadura mesmo, inclusive, até hoje tem uma cadeia ali... Não sei se o pessoal mostrou pra vocês lá no Guarani.

ENTREVISTADOR: Sim, sim.

SOIN PATAXÓ: Era índio, era branco, o que fosse que era o dono aqui, se errasse ele.. Prá lá dentro da cadeia.

ENTREVISTADOR: Quem que estava preso lá nessa época?

SOIN PATAXÓ: Ah... Isso aí eu não sei nem contar que quando eu cheguei aqui já passou um bocado de índio aqui, sabe?

ENTREVISTADOR: Aham.

SOIN PATAXÓ: Já tinham passado antes de eu chegar.

ENTREVISTADOR: Aham.

SOIN PATAXÓ: Só que já teve índio preso lá, nessa época, né? Aí eles prenderam os índios lá, prenderam e largaram preso lá, aí depois soltaram. Então aqui era tipo assim, um presídio.

ENTREVISTADOR: Sim, sim.

SOIN PATAXÓ: Aí a pessoa errava, tinha que cair aqui e ir lá pra cadeia. Então quando eu cheguei ainda tinha esse momento desse jeito aqui dentro desse lugar, aí eu vim pra cá, não tinha atendimento nenhum, só mesmo do Estado mesmo que tinha na época, né? Aí ficou... Aí nós ficamos misturado lá junto com os outros índios e tal, tal. Aí os outros também foram saindo, não gostou do lugar e foram embora. E aí nós ficamos aí, nós estamos aí até hoje, né? Então são assim, coisas que foi... Uma coisa assim, muito pesada, nós estamos aqui até hoje.

ENTREVISTADOR: Sim.

SOIN PATAXÓ: Né, que a gente sempre foi maltratado, não foi só uma pessoa, um povo assim, muito segurado, são coisa diturado, né, fora a gente nosso direito. A gente sempre briga por nosso direito bater, mas só que eles não põem na cabeça que o índio que é o dono do lugar, né, da terra. Então eles fica assim: “Ah, o índio não... Pra que o índio quer terra?” É isso e aquilo. Mas o direito do índio, o índio ter a terra dele, né? Ficam tomando nosso direito da nossa terra, aí nós fica sem. Igual lá na Bahia. Na Bahia, agora, ontem eu liguei pra um irmão meu, ele mora lá na Bahia.

ENTREVISTADOR: Sim.

SOIN PATAXÓ: Aí ele falou assim: “O irmão, o negócio aqui tá feio”, “Como assim, irmão?”, “Que o governo quer tomar a beira da praia dos índios”, onde eles ficaram velhos, entendeu? E aí tá lá naquela situação. Igual a nós aqui, nós viemos por quê? Pra não ser tomado e não ser apanhado por aos próprios governos, entendeu? Então a gente tá aqui hoje, nós temo o nosso direito aí, correndo devagarzinho, mas nós tão indo, né. A saúde meio devagar, mas tá indo, né? Então eu vejo que muitas coisas que pra nós aqui hoje, ela não tá mais assim, antigamente, mas tá melhorzinha um pouco, né? Igual a saúde, a

saúde antigamente não era igual hoje, mas hoje, graças a Deus, a saúde tá mais ou menos, mas tá indo devagarzinho, né? Mas é uma vida nossa aqui sobre a terra, né? Que nós não tínhamos e estamos hoje aqui em Minas Gerais, que a gente agradece muito, né, que estamos aqui nessa terra e estamos aqui vivendo até hoje.

ENTREVISTADOR: Senhor Soin, e como é que foi essa conversa, essa negociação pra que vocês viessem pra cá? Os Pataxó viessem, quem negociou isso? Quem participou, o senhor lembra? Quando senhor chegou aqui, quantos anos tinha? O senhor lembra?

SOIN PATAXÓ: Eu, essa conversa foi pelo governo.

ENTREVISTADOR: É?

SOIN PATAXÓ: Pela FUNAI e o governo, entendeu?

ENTREVISTADOR: Aham.

SOIN PATAXÓ: Aqui a FUNAI é um órgão, o Estado é outro e o Tancredo Neves é outro também, o governador de Minas, né? Aí nós chegamos na FUNAI, que a gente anda mais é pela FUNAI, né?

ENTREVISTADOR: Certo.

SOIN PATAXÓ: Aí a FUNAI na época ela era indicadora né, aonde tinha uma terra, ela cedia. Ela olhava pra os índios e dialogava com os índios e ia com o governo, o governo liberava a terra.

ENTREVISTADOR: Certo.

SOIN PATAXÓ: Então a FUNAI que encaminhou a gente pra aqui.

ENTREVISTADOR: Uhum.

SOIN PATAXÓ: Entendeu? Aí encaminhou, aí com nós junto, fomos ao governo né, aí liberou a terra pra nós, até a chegada nossa, né, essa vida nossa tá aqui.

ENTREVISTADOR: E aí, chegando aqui, como é que foi assim, como é que era esse dia a dia? Porque ainda tinha polícia aqui, não tinha?

SOIN PATAXÓ: Tinha, só que era o seguinte: eles não deixava nós ir botar roça.

ENTREVISTADOR: Aham.

SOIN PATAXÓ: Entendeu? Nós vivia assim, tipo animal.

ENTREVISTADOR: Certo.

SOIN PATAXÓ: Tipo animal, sem poder fazer... O que nós tínhamos que ter mesmo era plantar roça, e não tinha, eles não deixavam, porque com medo da gente explorar a mata, sabe? E não tinha nada de criação também não, aí ficou, fiquemos assim, tipo jogado. Não tinha casa, nós tínhamos a nossa casa lá era lona, sabe? Assim, tinha de pensa de pau-a-pique assim.

ENTREVISTADOR: Sei, aham.

SOIN PATAXÓ: Não tinha telha, a telha era a lona mesmo, sabe? Aí fiquemo debaixo, mas só que não podia fazer nada. E o alimento, o pessoal de Carmésia que fazia o alimento pra gente assim, fazia uma campanha de alimento e dava pra gente. E remédio nós tínhamos que ir na cidade, com toda dificuldade ir lá em Carmésia, não tinha essa pista aqui, sabe? Essa pista foi poucos anos que construiu ela.

ENTREVISTADOR: É?

SOIN PATAXÓ: Mas a gente ia com chuva, debaixo de chuva pra Carmésia, que não tinha ônibus pra gente. Igual tem hoje coletivo, sabe? O negócio aqui é tinha uma ditadura mesmo, eu ia a pé, ia e voltava, sem ter condição pra ir e voltar, né? Mas nós sofremos quando nós chegemos pra aqui ainda. Não foi fácil pra nós está aqui hoje dessa forma hoje, não tinha energia, não tinha nada, entendeu? Então eu vivia tipo um animal aqui nesse local.

ENTREVISTADOR: Senhor Soin, e tinha alguma coisa, alguma prática da cultura de vocês... O Toré, por exemplo, que era importante e era impedido de fazer. Acontecia esse tipo de coisa?

SOIN PATAXÓ: Não, não tinha. Não tinha por causa de que eles não deixava nós também fazer, que se eles deixasse nós fazer, aí eles iam falar assim: "Não, mas os índios tão fazendo isso aí pra inventar pra poder vim mais gente aqui pra dentro", então eles não deixava ninguém fazer. Igual eu estou falando, nós ficávamos aqui tipo animal sem ter assim, aquela... Entendeu? Como é que fala? Sem apoio, entendeu? Aí eles não deixavam nós fazer igual nós temos hoje. Hoje nós temos nossos rituais, nós vamos em Belo Horizonte, qualquer

lugar aí a gente faz né. A gente mostra, o que nós temos de mostrar pra eles, nós mostra. Mas hoje nós temos tudo, agora... Antigamente não tinha nada disso. Porque não podia mesmo, sabe? Nós éramos tipo assim, um presídio, sem sair e sem entrar, sem poder divulgar nossa cultura, como nós chegemos, logo não tinha, né? Então a gente estava naquela situação difícil. Agora, certos anos que aconteceu, que foi liberado até, aí que nós fomos divulgar a nossa cultura pra eles. Aí que eles foram reconhecer que nós éramos índios da onde? Da Bahia. “O que vocês vieram fazer aqui, porque vocês tão aqui?”. Aí nós fomos contar porque, né, porque tomaram, o governo tomou nossa terra e aí nós ficamos naquela situação difícil, sem poder trabalhar e nós saímos. Saímos, cada um saiu. Igual aqui o seu grupo aqui em Itapecerica, tem aqui o Periquito.

ENTREVISTADOR: Periquito.

SOIN PATAXÓ: Né? Cada um foi espalhando.

ENTREVISTADOR: Aham.

SOIN PATAXÓ: Procurando seus lugares pra morar, né? E aí nós estamos aqui até hoje, estamos aí lutando pelos direitos, né? A gente, hoje, graças a Deus, a gente já, já faz nossos rituais, nossa cultura, mostra pra quem nós quiser, né? Porque hoje já melhorou bastante um pouco, mas antigamente eles não deixavam nós fazer nada mesmo, assim para... De mostrar, divulgar nossa cultura, nossos artesanatos... Eles não deixava a gente fazer nada, né? Hoje a gente já faz os artesanatos da gente, já vende e sai, tal, mas antigamente a gente não fazia isso.

ENTREVISTADOR: Mas quem que proibia vocês assim, o senhor lembra?

SOIN PATAXÓ: Ah, era o governo mesmo, sabe? O governo que pra não deixar outras pessoas pra vim aqui pra dentro, que se não fizesse igual hoje a gente faz, tem a nossa cultura, tem o nosso centro cultural ali, tem a escola hoje aqui, né?

ENTREVISTADOR: Aham.

SOIN PATAXÓ: Vocês viram ali, não viu?

ENTREVISTADOR: É bonito.

SOIN PATAXÓ: O nosso centro cultural é lá na frente. Então a gente tem o nosso dia. Aí nesse dia que nós temo, dia 5 de outubro, vem muita gente pra aqui pra dentro da aldeia, vem mais de mil pessoas aqui pra dentro, pra quê? Pra ver nossa cultura, ver nossos artesanatos, né? Então daí enfim, mas antigamente não tinha nada disso. Ninguém vinha visitar, ver que você tá querendo aqui dentro, o que você era aqui dentro, porque você tá aqui dentro. Então era tudo dessa forma assim, e nós fica assim de bracinho cruzado sem poder fazer nada, então era dessa forma aqui antigamente.

ENTREVISTADOR: E nessa época que o senhor chegou, ficava alguém da FUNAI ali na fazenda?

SOIN PATAXÓ: Ninguém, ninguém. Aqui só ficava polícia mesmo.

ENTREVISTADOR: É?

SOIN PATAXÓ: Só a polícia tomando conta dos índios. Os índios estavam aqui dentro, só que não podia fazer nada com os índios, assim, sobre nada assim, que eu falo assim, deixar os índios fazer a roda que eu falei e nem sair pra cidade pra ir divulgar lá fora sua cultura e vender seus artesanato, deixava fazer nada. A gente vivia ali, igual eu estou falando, vivia igual animal sem poder fazer nada, só no pasto mesmo. Mas de certos anos que nós tomamos conta da... Que foi divulgada a fazenda aqui, aí já começou a melhorar mais um pouco, entendeu? Mas não tinha essa divulgação nossa, era nossa, sabe, exterminada. Nós já estava, como dizem, exterminando mesmo a cultura mesmo, sem saber como é que ia fazer pra voltar ela de novo, né? Mas como graças a Deus nós conseguimos a terra, aí foi divulgado, voltemo a divulgar a cultura, que aí as polícias saiu, não tinha mais esse proibir ninguém de fazer nada mesmo, aí nós foi fazendo. Porque a nossas roças pra nós vivermos, nossos artesanatos, mostrar a cultura, né? E aí por fim, então pra gente não ter aquelas coisas paradas, nós temos que divulgar mesmo.

ENTREVISTADOR: Sim.

ENTREVISTADOR: Eu queria saber o seguinte, quem foi o cacique dessas quatro famílias que veio comandando lá da Bahia aqui pra Minas, o senhor lembra o nome?

SOIN PATAXÓ: Foi o pai dele, o Mangagá, o Mangagá, o pai dele, do cacique já morreu já.

ENTREVISTADOR: Anhangá?

SOIN PATAXÓ: Mangangá.

ENTREVISTADOR: Manhangá?

SOIN PATAXÓ: Mangangá.

ENTREVISTADOR: Mangangá.

SOIN PATAXÓ: Ele era o cacique...

ENTREVISTADOR: O Mangangá então é que (trecho incompreensível).

SOIN PATAXÓ: Ele já veio de lá como cacique de lá mandando aqui, né?

ENTREVISTADOR: É.

SOIN PATAXÓ: Aí mandou os quatro grupo, aí depois...

ENTREVISTADOR: Ele comandou.

SOIN PATAXÓ: É.

ENTREVISTADOR: E quando ele chegou aqui, ele negociava com FUNAI, com a polícia ou ele não teve, assim, eles não deixaram ele negociar nada? Ele ficou igual a vocês, igual animal?

SOIN PATAXÓ: É, aí ele veio na minha frente, depois eu vim atrás, por último, né? Mas só que é recente. Aí ele entrava mais em contato com a FUNAI, a FUNAI que corria atrás, sabe? Aí a FUNAI ia com ele também junto e a ajuda do governo aí ia correr atrás dos envolvimento deles, do direito deles e a FUNAI sempre junto, mas só que ele que era o comandante dos três grupos. Aí depois que as coisas, que a terra foi demarcada, os... Antes disso era ele que mandava nos três grupos, depois que a terra foi demarcada aí foi que desviou os três, os três grupos.

ENTREVISTADOR: Três, três aldeias?

SOIN PATAXÓ: É, aí o Mangangá ficou com esse grupo aqui e o Mesaque ficou com o Guarani, e a Cijanete ficou lá no Encontro das Águas. Aí ficou os três grupos, né, aí são três caciques, então aconteceu dessa forma.

ENTREVISTADOR: Senhor Soin, o senhor lembra do nome de alguém da polícia que estava aqui nessa época?

SOIN PATAXÓ: Ah, eu não sei. Dessa época eu não estou por dentro desse pessoal, sabe? Porque esse negócio de polícia assim, uma sai, outra sai e vai, né?

ENTREVISTADOR: Sim, sim.

SOIN PATAXÓ: Mas de primeiro eu também não lembro desse pessoal não.

ENTREVISTADOR: Tudo bem. E o senhor lembra, assim, em que momento eles saíram? Como foi que a polícia saiu daqui?

SOIN PATAXÓ: Eles saiu por causa do governador de Minas né, que é o Tancredo Neves, que era o comandante, né? Que foi ele que botou as polícias aqui pra tomar conta desse terreno aqui. aí foi ele que tirou, foi ele que tirou eles daqui, falou assim: "Não, vocês têm que sair pra poder os índios a capitar lá dentro do lugar", aí eles saíram, entendeu? Foi o governo que tiro as polícia daqui.

ENTREVISTADOR: Sim.

SOIN PATAXÓ: Mas aqui não tinha nada assim de índio não, a base era o... Mais mesmo era o governador que mandava aqui dentro, que essa terra era do Estado, entendeu? Era do Português, mas depois do Português, que ele morreu e a mulher dele deixou aí, o Estado foi tomou conta. Aí o Estado foi botou as polícias dentro pra ninguém chegar e invadir, você entendeu?

ENTREVISTADOR: Sim. E os Pataxós chegaram a ser presos também ali?

SOIN PATAXÓ: Ué, teve uns que foi.

ENTREVISTADOR: É?

SOIN PATAXÓ: Teve, teve uns que foi, os mais velhos, né? Só que já morreram também, né?

ENTREVISTADOR: Sim.

SOIN PATAXÓ: E a gente é do mais novo, dos mais velhos que vai... Que não é, que a gente, como diz, mas, pelo menos, a gente viu eles irem preso, né?

ENTREVISTADOR: É?

SOIN PATAXÓ: É, era.

ENTREVISTADOR: O senhor lembra de quem que foi preso, assim?

SOIN PATAXÓ: Ah, o camarada que foi preso aqui, ele já morreu. Um chamava Fredo, outro chamava Bibiano.

ENTREVISTADOR: Bibiano?

SOIN PATAXÓ: É, era dos índios mais velhos, né?

ENTREVISTADOR: Aham.

SOIN PATAXÓ: Outro foi do... Finado... Como é o nome dele? Esse morreu agora há pouco tempo. Oh, meu Deus, esqueci dele agora, ele é o índio mais velho daqui da... Também dos outros índios, né? Cada um, a gente tem os seus índios da tribo mais velha, então quando eles errava... Porque o índio sempre gostou de tomar um golinho, né? Eles iam lá na cidade, procurava a pinga e as polícias não queriam que bebesse aqui dentro. Aí eles era as pessoas que sempre bebiam um gole, mas só que assim, às vezes caçava confusão com outro, aí brigava com o outro, aí a polícia estava ali, prendia eles pra não ir pra a cidade, né?

ENTREVISTADOR: Sim.

SOIN PATAXÓ: Então aí ficou dessa forma desse jeito assim.

ENTREVISTADOR: E esses três índios que o senhor comentou, eles são Pataxó?

SOIN PATAXÓ: Não, não são não.

ENTREVISTADOR: Ah sim.

SOIN PATAXÓ: Um foi Pataxó e o outro foi Botocudo e o outro foi do Guarani. São de... Cada índio, cada da tribo.

ENTREVISTADOR: Então do tempo que o senhor tá aqui as prisões continuaram?

SOIN PATAXÓ: É, continuaram. É, uhum.

ENTREVISTADOR: E os índios não podiam ir na cidade?

SOIN PATAXÓ: Não podia, é, não podiam, eles não deixavam, né. Que às vezes os índios iam bagunçar pra lá e, não é, e tal, né? Aí ficava tipo animal mesmo, preso, entendeu? Aí depois que eles saiu que os índios começaram a andar na cidade, né? Ter os movimento deles e andar, né? Mas ele não podia deixar, ele não deixava não. Eles tinham era assim, tipo uma prisão mesmo,

que nem um prisioneiro mesmo, sabe? Quem passava aqui, quem entrasse aqui dentro tinha que ser punido aqui dentro. Às vezes, por exemplo, um índio fez um erro lá fora, lá na aldeia dele lá, o cacique dele lá não queria mais eles lá, ele tinha que vir pra aqui, sabe? Ele tinha que optar aqui. E a permissão da pena dele tinha que ficar aqui. E ele não tinha pra outro canto nenhum, pra fora a noite aqui pra aqui, olha. E eles tinham que, e eles eram obrigados a ficar, e não podia sair. Até ainda enquanto ele não inteirasse o mandato deles, ele não podia sair daqui, então era dessa forma, aqui era desse jeito, né? Então ficou. Até eu cheguei aqui ainda estava desse jeito aí.

ENTREVISTADOR: Sim.

SOIN PATAXÓ: Aí depois que o governo liberou a terra que foi que as polícias saíram aí acabou essa, sabe, essas, sabe? Essas privações aqui dentro.

ENTREVISTADOR: Sim. O senhor chegou aqui em que ano, o senhor lembra?

SOIN PATAXÓ: Ah, eu não sei não.

ENTREVISTADOR: Que o senhor falou 39 anos atrás.

SOIN PATAXÓ: Nossa senhora, eu nem sei da época, eu cheguei aqui.

ENTREVISTADOR: Aham, tudo bem.

SOIN PATAXÓ: Mas já tem um tempinho bom.

ENTREVISTADOR: É?

SOIN PATAXÓ: É.

ENTREVISTADOR: Mas o senhor lembra quantos anos tinha, se era criança pequena?

SOIN PATAXÓ: Não, eu não era criança não, eu já era adulto já, eu já vinha casado lá da Bahia já, né?

ENTREVISTADOR: Ah sim, aham.

SOIN PATAXÓ: Eu só trouxe um meninozinho com um aninho.

ENTREVISTADOR: É?

SOIN PATAXÓ: É. Aí os outros já nasceram tudo aqui, os sete filhos, tenho sete filhos e mais de trinta netos.

ENTREVISTADOR: Esse de um ano hoje tem quantos anos?

SOIN PATAXÓ: Esse de um ano tem acho que... Quantos anos eles têm? Nem sei, rapaz, acho que não sei se é trinta, acho que é trinta e poucos anos ele.

ENTREVISTADOR: Trinta e poucos?

SOIN PATAXÓ: Uhum.

ENTREVISTADOR: Aham.

SOIN PATAXÓ: Trinta e poucos anos ele.

ENTREVISTADOR: Então dá pra ter uma ideia pela idade dele?

SOIN PATAXÓ: É.

ENTREVISTADOR: E aqui o senhor é o que é o mais antigo dessa turma aqui?

SOIN PATAXÓ: É, eu e Dona Rosa ali, aquela velhinha que tá ali, agora ela viva lá. É eu e ela, nós são primo nós dois.

ENTREVISTADOR: Ah é?

SOIN PATAXÓ: É, eu, dessa turma todinha aqui que tem aqui, sou eu e ela que somos mais velhos aqui da aldeia.

ENTREVISTADOR: Ah, certo.

SOIN PATAXÓ: Ele é o cacique, mas ele é o mais novo, ele é novo, ele não tem nem trinta e poucos anos. Ele tem nessa faixa assim, de trinta e poucos anos. Mas o mais velho mesmo é ela e eu.

ENTREVISTADOR: Aham, a Dona Rosa.

SOIN PATAXÓ: Eu estou com 53 anos hoje, 54, e ela tá com um... Acho que... Não sei se é 70, um negócio assim.

ENTREVISTADOR: 70?

SOIN PATAXÓ: É, ele é a mais velha daqui, foi ela... Ela que é esposa do Mangangá, que era do cacique do pai do Romildo.

ENTREVISTADOR: Ah, ela era a esposa?

SOIN PATAXÓ: Ela, aham. Aí ele morreu.

ENTREVISTADOR: Então ela que conviveu toda essa história lá da Bahia?

SOIN PATAXÓ: Todas essas histórias da Bahia pra aqui, aí ela veio e voltava, veio e voltava. Aí no final ela veio e ele falou assim: "Agora não vou mais não, vou ficar só andando pra cima e pra baixo feito um doido? Eu vou ficar por aqui mesmo". Aí ficou e tão aí. Agora dessa vinda, última vinda dele é aonde que

não voltou mais, fiquemos aqui. Aí foi aonde nós fomos e conseguimos a terra e aí falou assim: “Agora já foi, o que nós não vão mais voltar mesmo, que agora nós já temos a nossa terra mesmo”. E agora, graças a Deus, estou aí, né? Mas nós não pretende mais voltar do jeito que era antigamente.

ENTREVISTADOR: Sim.

SOIN PATAXÓ: Nós vamos lá, bem verdade, os parentes mora lá tudo lá, tio, tia, mas assim, nós vamos passear de ano em ano, não é pra ficar correto lá dia a dia não, o nosso...

ENTREVISTADOR: O senhor fala na Bahia ou aqui?

SOIN PATAXÓ: É, lá na Bahia.

ENTREVISTADOR: Na Bahia?

SOIN PATAXÓ: Uhum.

ENTREVISTADOR: Aham.

SOIN PATAXÓ: Na Bahia, que nossos parentes agora tudo é de lá, né?

ENTREVISTADOR: Sim.

SOIN PATAXÓ: A gente vai lá de ano em ano, mas pra gente ficar lá vai hoje, vai amanhã, todo dia assim, não tem como, né?

ENTREVISTADOR: Senhor Soin, e quando o senhor veio da Bahia, o senhor já veio direto aqui pra a Fazenda Guarani ou chegou a...

SOIN PATAXÓ: Direto pra aqui.

ENTREVISTADOR: Ah é?

SOIN PATAXÓ: Direto pra aqui, aí eu já fiquei já até com a convivência direto com os pessoais, com os outros parentes que já morava aqui já, né?

ENTREVISTADOR: Ah sim.

SOIN PATAXÓ: Aí depois que eu cheguei que eles foram saindo, que já foram... Como já no final já da história, que o governo liberou a terra, aí o que acontecia? Não, já que eles vão liberar a terra pra vocês Pataxó, aí nós fomos... Aí foi desacuando, não é, cada um caçou seus canto, foram embora, aí ficou só nós Pataxó mesmo.

ENTREVISTADOR: E o senhor, antes da Fazenda Guarani, a gente ouviu falar sobre isso?

SOIN PATAXÓ: Eu já ouvi falar, mas só que lá quem vai saber contar mesmo é eles lá, né?

ENTREVISTADOR: É?

SOIN PATAXÓ: Aham.

ENTREVISTADOR: Os Krenak, o senhor fala?

SOIN PATAXÓ: É os Krenak mesmo, que cada um índio ele vai contar a sua história.

ENTREVISTADOR: O senhor sabe porque que eu pergunto pra o senhor?

SOIN PATAXÓ: Ahn?

ENTREVISTADOR: Porque a gente achou uma informação que a gente queria saber se é verdade, que um pai e um filho Pataxó teriam sido presos lá, o senhor lembra?

SOIN PATAXÓ: Deve ter sido antigamente, né?

ENTREVISTADOR: Isso, foi antes, antes da Guarani ainda, isso.

SOIN PATAXÓ: Aham, pois é, então foi isso, antes de mim então.

ENTREVISTADOR: Antes do senhor?

SOIN PATAXÓ: Uhum, antes de mim, é. Eu já nem sabia dessa história, né?

ENTREVISTADOR: Aham.

SOIN PATAXÓ: Deve ser os índios mais velhos que, né, que já foram né, que já sabem da história.

ENTREVISTADOR: Aham.

SOIN PATAXÓ: Essa história nossa, Pataxó, de todas etnias, elas são... Cada um tem suas histórias e tem um passado pra contar, né?

ENTREVISTADOR: Sim.

SOIN PATAXÓ: Que caso se a gente for contar a história deles, às vezes ele vai dizer: “Ah, mas a história não é igual ele contou”, né?

ENTREVISTADOR: Sim.

SOIN PATAXÓ: Eu contar a história de outro parente, é um parente. Eu sei contar minha história, então cada um conta a sua história, do que sabe, né?

ENTREVISTADOR: Sim.

ENTREVISTADOR: Oh, Suin, naquela, na comunidade sede, a gente tem um monte de casa lá que era a casa onde moravam os militares?

SOIN PATAXÓ: Isso.

ENTREVISTADOR: Vocês aqui em Embiruçu tem casa também que era de militar ou não, ficava tudo lá?

SOIN PATAXÓ: Não, aqui não tinha nada, nada, aqui só tinha mato.

ENTREVISTADOR: As casas então ficam só lá na sede?

SOIN PATAXÓ: Lá na sede, a sede mesmo é aquela grande de dois andar que tem lá, ali que ficava os pessoais deles.

SOIN PATAXÓ: Isso, uhum. Ficava as polícias, tudo ali.

ENTREVISTADOR: Então aqui toda construção foi de vocês?

SOIN PATAXÓ: É nosso mesmo, é, aqui não tinha nada, nada. Não tinha nada de casa mesmo, só tinha mesmo só mato mesmo. Aí nós chegemos, fizemos um barraquim de lona, né? Aí nós foi morando, aí foi construindo uma casinha de telha, aí hoje já tem energia, não tinha energia quando chegemos aqui, não tinha energia. Nós vivíamos bem... Igual eu estou falando, eu vivia igual tipo um animal mesmo no mato, entendeu? E as polícias tomando conta.

ENTREVISTADOR: E aí o quê... Como animal vocês comiam o quê, frutas?

SOIN PATAXÓ: É verdura mesmo e caça, que tem muito aqui é caça, né? Mas só que eles não proibiam nós caçar, né? Porque a verdade nós hoje foi criado com o peixe e a caça, né? E eles não tem direito de proibir nós caçar, pode ser onde for.

ENTREVISTADOR: Então vocês passavam fome?

SOIN PATAXÓ: Aí nós não passava muita fome por causa que os pessoais de Carmésia tinha aquela, assim, aquela responsabilidade de ajudar nós, entendeu? Não fosse eles, aí nós íamos passar mais pior ainda.

ENTREVISTADOR: Naquela época o pessoal de Carmésia tratava os índios como, assim, como se vocês fossem necessitados ali? Como fosse uma caridade?

SOIN PATAXÓ: É, isso. Eles tinham, eles viam nós assim naquela situação.

ENTREVISTADOR: Tratavam vocês, assim, com dignidade? Como é que era?

SOIN PATAXÓ: É, eles tratavam nós com... Assim, uma capacitação muito boa pra gente, sabe? Que eles nunca tinham visto na vida deles índio, eles só viam índio na televisão. Aí eles fala assim, não, “Ah, os índios tão ali”. E até hoje eles têm essa possibilidade de ajudar nós aqui, como assim, no dizer? O Prefeito, hoje o Prefeito é mandado por nós aqui hoje. Se nós não votarmos no Prefeito hoje, ele não... Ele não é assim, um Prefeito, um Vereador bem votado aqui dentro, nós que comanda a votação deles, é nós, índio. Os três grupos vota tudo nele, então ele é um camarada que tem capacidade de chegar: “Não, vamos ajuda os índios”, né? Hoje nós temo a energia, tem a... A população tem o ônibus, o ônibus escolar, né? Tem o lixeiro que ele todo dia, de três em três dias eles mandam o lixo buscar o lixo dentro da aldeia. Tudo é um, como diz, é uma...

ENTREVISTADOR: (Trecho incompreensível).

SOIN PATAXÓ: É? Aí então a gente tem essa população com Carmésia, Carmésia tem que ter, tem a obrigação deles de ajudar nós, porque nós que ajuda eles, né? Então nós temos esse envolvimento deles com nós... Poder, eles têm mais força, nós também tem força também e ter um apoio, né? Porque nós também hoje estamos aqui hoje é tipo vocês, vocês têm seu CPF, sua identidade, carteira de trabalho, não é isso? Então nós também temos. Hoje, pra nós sermos um cidadão hoje, que nós antigamente não tinha documento nenhum, nós podia sair de Belo Horizonte, ir pra a Bahia, pra o Rio de Janeiro, Brasília, entrava num ônibus desse eu pagava passagem. Mas como o governo hoje, olha pra você ver como é que é as coisas, como o governo quer se ver o índio ser um cidadão hoje, ele botou a lei em cima do índio. Se você não tiver uma identidade, um registro, CPF, carteira de trabalho, você não é um cidadão. Um título de eleitor você não é um cidadão. Nós não

éramos obrigados a votar pra esse pessoal, igual o Prefeito e o Vereador, pra ninguém não. Mas como hoje a lei insiste, insiste você votar. Nós, hoje somos cidadão, mesma coisa de vocês, né? Mas antigamente não tinha direito de votar pra ninguém não, e nem pagar passagem também, porque nosso direito era livre, mas hoje vai entrar ali num ônibus aqui, aí nós pega o ônibus ali, não tem uma guarita ali? Tá pra cá. Ali nós pegamos o ônibus pra BH é bem ali. Vai se não tem a identidade pra você ver se você sai dali, você não sai, você não vai, você fica lá, olha. Então o nosso direito hoje, eles mudaram muito o nosso direito, né? O governo eu acho que ele podia olhar mais também o lado do índio também, né?

ENTREVISTADOR: É.

SOIN PATAXÓ: Mas ele não olha, entendeu?

ENTREVISTADOR: Senhor Soin, agora essa... Quando vocês chegaram lá da Bahia com a cultura de vocês, essa cultura vocês puderam exercê-la aqui? Assim, vamos supor, igual ontem vocês estavam fazendo rito religioso.

SOIN PATAXÓ: Uhum.

ENTREVISTADOR: Vocês podiam fazer, se uma pessoa estivesse adoentada, fazer um rito religioso ou era proibido, vocês não podiam? Só podiam se fosse caso comprar remédio lá em Carmésia, como é que era isso? Naquela época...

SOIN PATAXÓ: Na época que nós estávamos aqui.

ENTREVISTADOR: A cultura suas, religiosas, a cultura de ensinar a língua, a cultura de falar a língua, eles proibiam você de falar a língua?

SOIN PATAXÓ: Proibiu. O governo, eles... Ele não queria deixar nós falarmos nossa língua, mas como hoje a lei tem que insistir e obrigou nós falar, hoje nós já fala a nossa língua, fala nosso... Tem os nossos rituais, igual ela tá ali, tá doente, então faz os nossos rituais pra ela, pra ver... Fortalecer ela, sabe? E são coisas que a gente daqui pra frente não tem mais como proibir, então nós temos que manter ela viva e direto. A mente qualquer entidade, onde for, nós temos que estar livre mesmo pra mostrar e saber o que ele é, né? Por causa que não pode acontecer, igual aconteceu antigamente né. Igual foi nesse 51, em 51, igual eu falei, não podia falar mais a língua. Se falasse a língua tinha

que ser morto e como foi acontecido, porque que nós estamos aqui hoje falando português? É devido a eles que obrigou, senão nós éramos morto, né? Mas, como diz, a lei hoje permite nós manter nossa língua, tem a escola do Estado hoje aí. Então a lei hoje permite que o índio, o próprio índio dá aula, pra quê? Pra ensinar as três línguas, a língua dele, Pataxó, português, matemática, ciências e daí enfim, né? Mas importante ter o professor índio dentro da aldeia pra ensinar os próprios índios. As crianças, né, as crianças tão aprendendo com eles aí dentro da aldeia, porque antigamente eles não tinham como você ensinar a sua língua na escola e nem falar a sua língua, português assim fora do limite. Então tinha o... Aquela, tem aquele tratado de você falar, você não podia falar mais do que você podia. Então hoje, graças a Deus, nós já temos a portabilidade já de... A liberdade, né? De falar e ter a nossa língua pra falar pra onde a gente quer, ninguém proíbe, né? Então o governo, hoje, ele olhou essa parte, botar os índios pra estudar dentro da aldeia, não estudar lá fora. Que se eles estudam lá fora eles vão aprender lá fora, se você estudar aqui dentro, eles têm que aprender as duas línguas, português que é a nossa lá fora e a nossa Pataxó aqui dentro. Então tem que aprender as duas línguas, porque lá fora, eles saindo daqui e aprender a de lá, a de lá tem que aprender aqui, aí vai aprender as duas, entendeu? Que é pra não deixar só uma só, se ele for aprender só a daqui, lá fora a gente não vai saber o que nós estamos falando lá fora. E se aprender lá fora, aqui dentro não tá sabendo o que vai falar aqui dentro, então tem que aprender as duas pra saber quando sair lá fora aprender de tudo.

ENTREVISTADOR: Quando vocês estavam lá na Bahia, vocês tinham os nomes de vocês na linguagem Pataxó e vieram da Bahia com essa linguagem aqui, quando que vocês passaram a ter nomes de português? E hoje se vocês têm um nome português, Manoel, vocês também têm o nome de vocês?

SOIN PATAXÓ: Indígena?

ENTREVISTADOR: Indígena?

SOIN PATAXÓ: Tem.

ENTREVISTADOR: Tem os dois nomes?

SOIN PATAXÓ: Aham, os dois nomes. É que antigamente o governo, ele não tinha, nós não tínhamos essa lei pra ter esses dois nomes. Nós só tínhamos um nome só... Tinha... Você era obrigado sair lá do cartório com esse nome de Manoel, Joaquim, Pedro, Maria, Damiano e, enfim, nós não podíamos ter duas línguas não. Então hoje nós temos o nome português, né, que é no cartório lá que é registrado e nós no idioma. O meu nome é Luiz, Luiz José Ribeiro, no cartório e aqui no meu idioma é Soin, então significa o macaquinho. É o Soin.

ENTREVISTADOR: Mas desse caso a, você não pode por... Você não pode registrar seu nome Soin não? Eles não aceitam no cartório?

SOIN PATAXÓ: Agora, hoje a lei já aceita lá no cartório como o seu filho nasceu agora, você pode ir lá registrar como nome indígena, não tem mais o português, entendeu? Foi uma coisa muito importante que eles aprovaram pra gente foi isso aí, né? Nós estamos lá.

ENTREVISTADOR: Pra manter a identidade?

SOIN PATAXÓ: Pra manter a identidade como índio mesmo. Agora, nós tem, nós tem as duas identidades, tem a português, tem também no nosso idioma também, a Pataxó.

ENTREVISTADOR: Então fica Zé Luiz?

SOIN PATAXÓ: É Luiz José Ribeiro, olha pra você ver a diferença de pra Luiz José Ribeiro pra Soin? Hoje, nossos filhos hoje só estão registrando mais é nome, no nome indígena mesmo.

ENTREVISTADOR: Hoje?

SOIN PATAXÓ: Hoje, é. E o, e a lei é obrigada a aceitar, né? Que ela não poderia: “Ah, não posso aceitar”, botar só nome português, José, João, Joaquim, não. Então tem são o mesmo idioma mesmo. Aí se seu nome for o nome de uma caça, o nome de um passarinho, aí você pode botar, não tem problema. Vai ser esse mesmo, aí pra não ter diferença, entendeu?

ENTREVISTADOR: Igual Romildo é um nome português.

SOIN PATAXÓ: É, Romildo é português, Romildo é português.

ENTREVISTADOR: Mas ele tem o nome dele indígena?

SOIN PATAXÓ: Mas ele tem o nome dele indígena, é. Mas tudo tem os seus preparos. O menino já nasce, já nasce com o nome indígena. Antes de nascer a mãe mais o pai já escolhe, vai ver no livro lá: “É o nome indígena? É”, “Então qual é o nome dele?”, tal, tal. Aí vai lá no registro vai lá e registra. Hoje nós já temos hoje tudinho.

ENTREVISTADOR: Mas então quer dizer que naquela época toda essa cultura que você tá colocando que hoje vocês têm foi negado?

SOIN PATAXÓ: Negado, e nós não podia fazer ela nem por brincadeira. Se fizesse, se eles visse, falava assim: “Pode ir lá matar aqueles índio que eles tão fazendo uma brincadeira lá e mostrando a cultura deles lá”. Nós, há uns certos anos atrás, nós era esquecido. Tipo assim, um pedaço de pau lá no mato lá, você tem a cultura você tem ali, você é nada. Hoje não, hoje nós já temos a nossa língua, já temos nossos rituais, né. Mostra pra que nós quer, né? Nas entidades aí fora a gente vai lá faz os nossos rituais, mostra a nossa cultura, mostra nossos artesanatos, que é nosso direito também, né? E ninguém proíbe, mas antigamente nós não tinha esse direito de sair com os artesanatos pra vender. Se você falasse sua língua lá fora, que eles prendiam você: “Porque você tá falando essa língua? Quem mandou você falar?”. Então tudo tinha esse negócio. E nós hoje, graças a Deus, tem as nossas possibilidades, nossa liberdade de ter as nossas conferências, né, que nós temos, e vamos seguindo daqui pra frente pra ver o que vai rolar daqui pra frente, né?

ENTREVISTADOR: Senhor Soin, naquela época que vocês tinham essa dificuldade de ter, manifestar a cultura de vocês, vocês têm algum relato assim de algum fato que aconteceu, que alguém estava falando... Duas pessoas falando a língua de vocês e que teve repressão? Tem nome, alguma coisa, lugar, pra gente registrar isso ou não? Era uma coisa generalizada?

SOIN PATAXÓ: Rapaz, isso aí era uma coisa que o que foi falado, eles misturavam uma coisa com a outra, entendeu? Pra não deixar só uma pessoa só falar. Aí eles ponhavam duas, três pessoas pra poder fazer aquela mistura pra não deixar uma coisa só, só pra um só. Aí botava três pessoas de cada turma.

ENTREVISTADOR: De cada tribo?

SOIN PATAXÓ: É, de cada tribo pra poder falar, pra não ser uma só.

ENTREVISTADOR: Ah, porque cada um tinha a sua língua?

SOIN PATAXÓ: É, cada um tinha a sua língua, é.

ENTREVISTADOR: Aí não podia...

SOIN PATAXÓ: Não podia.

ENTREVISTADOR: Comunicar porque...

SOIN PATAXÓ: Porque não estava, era proibido, sabe? Aí já era obrigado a botar só uma só pra poder falar as três, entendeu?

ENTREVISTADOR: Ah tá.

SOIN PATAXÓ: Aí não tinha como.

ENTREVISTADOR: Isso foi na época que vocês chegaram que aconteceu?

SOIN PATAXÓ: Não, isso aí já foi muitos anos atrás já, né?

ENTREVISTADOR: Antes de vocês chegarem?

SOIN PATAXÓ: Antes de nós chegar pra aqui, é.

ENTREVISTADOR: Quando os índios estavam em várias etnias?

SOIN PATAXÓ: É, isto, várias etnias.

ENTREVISTADOR: Aí eles misturavam as etnias?

SOIN PATAXÓ: Misturavam pra poder falar lá, que só as outras não podia ter aquelas.. Sabe, “introsação”.

ENTREVISTADOR: Pra evitar daqueles índio.

SOIN PATAXÓ: Isso.

ENTREVISTADOR: Fossem revoltar.

SOIN PATAXÓ: Revoltar, é, uhum, é isso.

ENTREVISTADOR: Criar uma unidade entre eles?

SOIN PATAXÓ: Unidade entre eles, então eles botava só uma pessoa, que fosse os três. Aí eles já ia falar assim: “Não, o que vocês tão falando aí?”. Então aí um conflito, né?

ENTREVISTADOR: Isso.

SOIN PATAXÓ: Então pra não ter conflito, só um que falava, em nome dos três ou quatro, que se fosse, né? Mas aqui teve muitas etnias aqui dentro desse

lugar aqui. Antes de eu mesmo chegar aqui, antes dos outros, dos próprios parentes chegar, quando era do cara... Aqui já morou índio, aqui já era de índio antigamente, mas só que quando o cara tinha essa fazenda, antes dele ter já era índio que morava aqui, depois o índio acho que saiu... Não sei, tiraram ele. Não sei, aí veio o português. Aí por isso que sempre essa terra chama o índio a atenção, é que a terra era dele mesmo, entendeu? Aqui mesmo tem um moço, ele já tá de cadeira de roda, ele trabalhava... Ele era escravo aqui dentro, era escravo, então ele fazia de tudo aqui dentro. Ele contou pra mim, tudo que acontecia aqui dentro... Ele mantinha com os pessoais.

ENTREVISTADOR: Como é o nome dele?

SOIN PATAXÓ: O nome do escravão ali?

ENTREVISTADOR: É.

SOIN PATAXÓ: É, nós chama ele de Seu Euzebe.

ENTREVISTADOR: Seu Euzebe?

SOIN PATAXÓ: É um moço bem de idade, um morenã mesmo. Ele já tá andando e cadeira de roda, ele que era, não sei se era ele ou era a outra.

ENTREVISTADOR: Mora em Carmésia?

SOIN PATAXÓ: Não, mora aqui em cima aqui, indo pra a vila.

ENTREVISTADOR: Ah tá.

SOIN PATAXÓ: Indo pra a vila, mas depois da reserva, né? Aí ele era o chefe daqui também da época, né?

ENTREVISTADOR: Ah, era o chefe aqui?

SOIN PATAXÓ: Uhum, das polícias.

ENTREVISTADOR: Conhece a história?

SOIN PATAXÓ: Conhece as histórias todas, tudo que...

ENTREVISTADOR: Ele era chefe da polícia?

SOIN PATAXÓ: Não, não, não, não. Ali embaixo tem um que ele também já tá de idade, ele não enxerga mais, mas e ele também era polícia daqui também. Ele mora ali embaixo ali. Até hoje ele tá vivo, mas só que ele não anda mais, ele fica mais é sentadinho lá, se tocar o assunto nesse negócio daqui ele vai contar tudinho pra você. O daqui também conta também, só que o daqui ele

enxerga tudo, o de lá não enxerga mais, só que ele fica sentado. Mas tudo que você contar pra ele, se ele puxar pra você contar o que foi acontecido aqui dentro.

ENTREVISTADOR: Pois é, mas a pessoa perder a visão não tem problema. É da cabeça, né?

SOIN PATAXÓ: É, com certeza, é. Então tem essas duas pessoas, tinha outro, mas morreu, era escravo daqui também. Aí contava muitos passado, muitas coisas que acontecia aqui com eles. O cozinheiro daqui que era dos escravizão aí, diz que tem um tacho muito grandão, aí eles pegaram esse saco de feijão, saco de arroz, não vem esse saco fechado de arroz e feijão? Eles pegavam aquele trem e não catava não, eles chegava e jogava dentro da panela lá e deixava do jeito que estava lá. Era macarrão, misturava com aquele trem... Diz que é uma coisa muito horrorosa. Ele contava pra mim que uma vez caiu um rato dentro, acho que estava dentro do saco de feijão, caiu um rato e esse camarada, o que era o dono da fazenda aqui, ele não comprava carne pra ninguém não. Eles tinha que comer era macarrão, feijão e tudo assim, tudo pra comer. Ele conta até hoje, ele tá vivo aí, ele conta pra mim. Aí falava que outro dia caiu um rato dentro dessa panela, aí eles fizeram aquela gororoba, né? Aí diz que tampou o rato dentro, aí um foi, pegou, botou o rato dentro do prato e comeu. Rapaz, o outro viu, aí diz que deu uma confusão desgramada, diz que: “Uai, porque você tá comendo carne e eu não estou?”. Diz que foi um pega pra capar danado, rapaz. Aí essa história desse camarada.

ENTREVISTADOR: Que privilégio é esse?

SOIN PATAXÓ: Nossa.

ENTREVISTADOR: Você comendo carne.

SOIN PATAXÓ: “Rapaz, só você comendo carne e a gente tá comendo puro aqui, rapaz, sem carne”. Mas era dessa forma, não era fácil não aqui, rapaz.

ENTREVISTADOR: Aí deu briga.

SOIN PATAXÓ: Deu briga por causa de um rato.

ENTREVISTADOR: Tá certo então. Muito obrigado, viu?

SOIN PATAXÓ: Nada, obrigado a vocês.

ENTREVISTADOR: Vamos fazer uma foto, gente?

ENTREVISTADOR: Vamos.

ENTREVISTADOR: Vamos fazer umas fotos lá?

SOIN PATAXÓ: Vamos, ué.

ENTREVISTADOR: Como é que vai falar lá: “O Soin que tem as informações e não tem uma foto com Soin”.

SOIN PATAXÓ: Nós podíamos tirar uma foto lá na escola lá pra você levar a foto da nossa escola ali.

ENTREVISTADOR: Na escola, é aqui a escola?

SOIN PATAXÓ: É ali, na frente ali, olha ela lá.

ENTREVISTADOR: Ah tá.

SOIN PATAXÓ: Mas é isso mesmo, esse negócio é uma coisa que às vezes fala assim: “Ah, não é não”, mas é verdade mesmo, são coisas que foi passado, acontecido, né? A gente fica sofrido por conta disso.

ENTREVISTADOR: Soin, quanto tempo durou, mais ou menos, esse período em que vocês ficaram sem poder trabalhar a questão da cultura?

SOIN PATAXÓ: Oh, rapaz...

ENTREVISTADOR: Até quando vocês puderam trabalhar, porque aí sobe polícia que você...